

## TEMPO(S) DE AVÓS E NETOS memória, presença e infância

*Liana Garcia Castro*

### Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar concepções de tempo e infância em narrativas de avós e netos ouvidas em uma pesquisa de doutorado em educação. A filosofia de Walter Benjamin e a antropologia filosófica de Martin Buber foram as principais referências teóricas do estudo, que entrevistou dez adultos, entre cinquenta e um e setenta e um anos de idade, e seis de seus netos, de cinco a doze anos de idade. Como estratégia metodológica, foram realizadas entrevistas individuais com os adultos e uma entrevista coletiva com as crianças. Devido ao contexto de pandemia, o trabalho de campo foi realizado por meios digitais (plataforma *Zoom* e aplicativo *WhatsApp*). Nas narrativas das/os participantes da investigação, o tempo aparece com lugar de destaque: envelhecimento, histórias de outros tempos, preocupações com o futuro, tempo de brincar. O texto entrecruza vozes de crianças e adultos, e delas emergem reflexões filosóficas e antropológicas sobre infância, tempo e nossos modos de viver.

**Palavras-chave:** tempo; infância; avós e netos.

## TIME(S) OF GRANDPARENTS AND GRANDCHILDREN: memory, presence and childhood

### Abstract

This article aims to analyze conceptions of time and childhood in the narratives of grandparents and grandchildren heard in a doctoral research in education. The philosophy of Walter Benjamin and the philosophical anthropology of Martin Buber were the main theoretical references of the study, which interviewed ten adults, between fifty-one and seventy-one years old, and six of their grandchildren, between five and twelve years old. As a methodological strategy, individual interviews were carried out with adults and a collective interview with children. Due to the pandemic context, fieldwork was carried out by digital means (*Zoom* platform and *WhatsApp* application). In the narratives of the research participants, time appears with a prominent place: aging, stories from other times, concerns about the future, time to play. The text intertwines the voices of children and adults, and from them emerge philosophical and anthropological reflections on childhood, time and our ways of living.

**Keywords:** time; childhood; grandparents and grandchildren.

## TIEMPO(S) DE ABUELOS Y NIETOS: memoria, presencia y infancia

### Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar las concepciones de tiempo e infancia en las narrativas de abuelos y nietos escuchadas en una investigación doctoral en educación. La filosofía de Walter Benjamin y la antropología filosófica de Martin Buber fueron los principales referentes teóricos del estudio, que entrevistó a diez adultos, entre cincuenta y un y setenta y un años, y seis de sus nietos, entre cinco y doce años. Como estrategia metodológica se realizaron entrevistas individuales a adultos y una entrevista colectiva a niños. Debido al contexto de pandemia, el trabajo de campo se realizó por medios digitales (plataforma *Zoom* y aplicación *WhatsApp*). En las narrativas de los participantes de la investigación, el tiempo aparece con un

lugar destacado: el envejecimiento, las historias de otros tiempos, las preocupaciones por el futuro, el tiempo para jugar. El texto entrelaza las voces de niños y adultos, y de ellos emergen reflexiones filosóficas y antropológicas sobre la infancia, el tiempo y nuestras formas de vivir.

**Palabras clave:** tempo; infancia; abuelos y nietos.

## INTRODUÇÃO

— *Se a memória guarda o tempo, ela é maior que a barriga dele?*  
— *É que o tempo pode ser também um momento. Ele está aqui conosco agora. Só um relâmpago, ser breve como um susto. Vamos mudar de assunto?*  
*Há muito, também eu não reparava no tempo. Não sei se por medo ou por desânimo. Os dias corriam sem ter minha atenção. Uma preguiça morna vivia comigo. O tempo faz menores os dias. Parece que a vida se encosta num canto, de tão cansada. Em criança, o tempo parecia leve e longo. De um Natal a outro parecia durar cem anos. Era muito longe. Hoje, ele é curto e demanda cuidados. A infância do menino me acordou.*  
*(Bartolomeu Campos de Queirós)*

No diálogo entre um menino e um velho homem, as marcas na pele do homem, os *trincadinhos*, mobilizam as perguntas do menino. Não é difícil imaginar avô e neto dialogando na prosa poética do escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós. O tema? O tempo. O que nunca se viu, o que passa, fica, voa. Que provoca medos e alegrias. Que *guarda a memória do mundo*, que *troca a roupa do mundo*.

Este artigo tem como objetivo analisar concepções de tempo e infância em narrativas de avós e netos ouvidas em pesquisa de doutorado em educação. Walter Benjamin e Martin Buber foram os principais interlocutores do estudo, que entrevistou dez adultos, entre cinquenta e um e setenta e um anos de idade, e seis de seus netos, de cinco a doze anos de idade. Nas narrativas das/os participantes da investigação, o tempo aparece com lugar de destaque: histórias de outros tempos, envelhecimento, preocupações com o futuro, tempo perdido, tempo de brincar...

O texto está organizado em seis partes, além desta introdutória. Primeiramente, a pesquisa é apresentada (objetivo, metodologia, fundamentação teórica). Nas quatro partes seguintes, narrativas de crianças e adultos são entrecruzadas, emergindo delas reflexões sobre tempo e infância. Essas seções receberam os seguintes títulos: os mais velhos e os mais novos; flores no caminho; narrativas para adir o fim; e contar estrelas. Na sexta e última parte, estão escritas as reflexões finais.

## SOBRE A PESQUISA

A pesquisa, realizada entre os anos de 2018 e 2021, teve como objetivo geral analisar os sentidos construídos sobre infância a partir das narrativas de avós, avôs, netas e netos com fortes vínculos. Como estratégia metodológica, foram realizadas entrevistas individuais com os adultos e uma entrevista coletiva com as crianças. Com as contribuições da antropologia de Ingold (2019), o trabalho de campo foi sendo construído com as/os participantes. Sobre isso, o autor propõe ouvir

as pessoas, levando-as a sério, tratando-as menos como informantes do que como professoras/es, que devem ser procuradas/os pelo que podem ensinar sobre o mundo.

Não se trata de interpretar ou explicar o comportamento dos outros; não se trata de colocá-los em seu lugar ou consigná-los à categoria dos *já conhecidos*. Ao contrário, trata-se de compartilhar da sua presença, de aprender com as suas experiências de vida e de aplicar esse conhecimento às nossas próprias concepções de como a vida humana poderia ser, das suas condições e possibilidades futuras. (INGOLD, 2019, p. 10).

O trabalho de campo foi realizado em 2020, no contexto da pandemia de Covid-19. Diante da necessidade de isolamento social, os encontros aconteceram por meios digitais (plataforma *Zoom* e aplicativo *WhatsApp*). Todas as conversas foram gravadas e transcritas para posteriores análises. O critério para escolha das/os participantes foi o de familiaridade – indicação de pessoas próximas à pesquisadora. Nove adultos participantes são moradores da cidade do Rio de Janeiro e um, do município de Niterói. Seus netos moram nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Niterói, Brasília e Montevideo/Uruguai.

O contexto de pandemia impactou, ainda, o perfil das/dos participantes. A intenção era que a pesquisa ouvisse pessoas de diferentes extratos sociais. No entanto, não foi possível a participação de pessoas sem acesso à Internet estável, necessário às chamadas de vídeo. Dentre as/os participantes, a maioria é pertencente à classe média ou à classe média alta. Ainda assim, foi possível alguma variedade de perspectivas ao contemplar pessoas que residem em diferentes regiões da cidade do Rio de Janeiro (zona Norte, zona central, zona Oeste e zona Sul) e de Niterói (região oceânica). Essa diversidade também está presente nos níveis de escolaridade dos adultos e ocupações profissionais (dona de casa, psicanalista, professor universitário, profissional do comércio, médica...). A metade das/os avós/avôs participantes é aposentada.

Em relação à fundamentação teórica, a filosofia de Walter Benjamin e a antropologia filosófica de Martin Buber foram as principais referências. Os dois autores viveram na primeira metade do século XX e produziram seus textos no contexto das duas grandes guerras. Seus estudos contribuem para a construção de um olhar crítico e sensível para a cultura contemporânea e as relações humanas. Enquanto Benjamin (1987) denuncia o empobrecimento da experiência humana no mundo moderno, Buber (2001, 2009) aponta o empobrecimento do diálogo. Para o primeiro, os seres humanos são transformados em autômatos, e, como a narrativa emerge da vida, vivendo como tais, não há o que contar ao outro. O segundo entende que há uma preponderância de relacionamentos e pouca relação. Para este, relacionamento refere-se à utilização e objetificação do outro, e relação, ao encontro, que só acontece quando há reciprocidade. Essas reflexões, no entanto, não são, para nenhum dos dois autores, fatalistas: ao contrário, servem como convocação para mudanças.

Que histórias contam avós/avôs e netas/os? Em que medida avós e avôs trazem referências de suas experiências infantis com avós/avôs na relação com netas/os? Os que as crianças narram sobre a relação com suas avós e seus avôs? Esses questionamentos nortearam a realização do trabalho de campo. As análises, contudo, extrapolam as indagações iniciais, emergindo reflexões filosóficas e antropológicas sobre infância, tempo e nossos modos de viver.

## OS MAIS VELHOS E OS MAIS NOVOS

Como já foi apresentado anteriormente, as avós e os avôs participantes da pesquisa têm entre cinquenta e um e setenta e um anos de idade, estando na faixa etária acima de sessenta, duas com menos de sessenta e uma com mais de setenta anos. Seus netos tinham idade entre um e dezesseis anos<sup>1</sup>. Essa dimensão temporal marcada pela idade cronológica esteve presente em algumas narrativas e foi objeto de reflexão de algumas avós.

Lygia,<sup>2</sup> a avó mais velha participante, narrou diálogos que teve com seu neto Fernando por chamada de vídeo:

Semana passada, ele queria falar comigo eram 22h. Eu falei: “Como você conseguiu burlar a lei de dormir cedo, Fernando?” Ele disse: “Estou fazendo uma construção e quero mostrar para você a construção da minha casa: tem foguete, um campo de futebol...” E eu disse: “Eu vou plantar bananeira.” Ele falou: “Você está velha, vai cair”. Eu falei: “Você me segura!”. (Lygia, Entrev., 27/5/2020)  
Agora o Fernando diz assim: “Agora eu quero coisas de futebol. Eu quero luva porque eu vou ser o maior jogador do mundo”. E eu digo: “Oba, eu quero ver quando você fizer o gol número um e o gol número mil”. E ele disse: “Mas quando eu fizer o gol número mil você vai estar muito velha, você já é velha”. “É verdade, é verdade.” (risos) (Lygia, Entrev., 27/5/2020)

A fala de Fernando revela que ele percebe algo em sua avó que não possibilita que ela plante bananeira. Não é necessário que o menino, de oito anos, saiba a idade da avó para concluir os movimentos que ela consegue ou não realizar. “O próprio corpo e os papéis sociais de uma pessoa já dizem ao outro a que grupo de idade ela pertence” (MAGRO, 2003, p. 37). E é observando esse corpo que o neto percebe que o tempo passa e nós ficamos velhos.

Sobre a percepção da passagem do tempo no próprio corpo, Lygia fala:

Tem algo inexorável que é o corpo. Que é a vida. Que é a biologia. A biologia está aí; há um tempo para todas as coisas. [...] Eu já passei por alguns sustos, já fiz algumas cirurgias, mas graças a Deus não tenho nada. O único remédio que tomo é um comprimido para tireoide. [...] Eu não tenho problema de saúde. Tenho problema da velhice, dos ossos aos 70 anos. Por mais fisioterapia, pilates, caminhada que eu faça, o corpo está dizendo: “Lygia, você tem 70 anos”. [...] Eu sinto o peso do tempo no meu corpo. (Lygia, Entrev., 27/5/2020)

Para Lygia, “[...] o peso do tempo no seu corpo” provoca medo. Contou que, durante a pandemia, ficou sem o serviço da faxineira e ela própria limpava a casa, mas não subia na escada para limpar a janela: “A gente começa a ficar mais cuidadosa, a gente começa a ter mais medo”. O medo também foi tema de um diálogo com seu neto Pablo.

Eu digo para ele: “A vovó está velha. A vovó anda menos rápido.” E ele diz: “Como você anda menos rápido? Você anda mais rápido do que eu!” E eu falei: “Porque a vovó, desde criança, caminhava muito para comprar as mercadorias para vender na feira. Então a perna da vovó anda quatro quilômetros em meia hora.” Então ele disse: “Vamos andar de bicicleta!” E eu falei: “Eu aprendi a

<sup>1</sup> Como anunciado anteriormente, participaram da entrevista coletiva as crianças entre 5 e 12 anos. No dia marcado, compareceram apenas meninos.

<sup>2</sup> Todos os nomes são fictícios.

andar de bicicleta, mas hoje eu tenho medo de andar e cair porque, se eu cair, vou andar em cadeira de rodas." Sei lá, eu fico com medo. (Lygia, Entrev., 27/5/2020)

Essa dimensão de tempo cronológico evidencia o tema da fragilidade dos corpos. Carolina expressa sua preocupação com os mais velhos, mas também com as crianças, durante a pandemia: "São os dois extremos. É o mais velho e o mais novo. São os dois extremos, e eu acho que os mais frágeis, os que mais precisam ser cuidados. O mais velho e o mais novo, os que mais precisam de ajuda, que mais precisam de apoio" (Carolina, Entrev., 16/5/2020). Tanto a narrativa de Lygia quanto a fala de Carolina revelam que crianças e velhos são os que nos lembram que a vida é frágil, e essa fragilidade é marcada em tempos especiais. Sem desconsiderar os aspectos biológicos, essas construções, no entanto, não são naturais, mas construídas social e culturalmente, através da linguagem, do diálogo entre os diferentes e desse encontro de corpos diferenciados. Para Gusmão (2003), essa lembrança ou essas existências colocam em xeque a fragilidade das sociedades em que vivemos. É essa consciência que leva a sociedade moderna e a cultura ocidental a jogar esses sujeitos para a margem.

As sociedades modernas são sociedades do hoje e do agora, mas que tecem para si um discurso como sociedades do futuro, algo de um devir que comanda o presente e o banaliza em nome de um tempo que está por se fazer. Com isso, aliena-se o presente, inviabilizando a reflexão sobre o que é vivido por diferentes sujeitos, diferentes grupos no interior da sociedade e quais os possíveis significados de sua existência, no aqui e agora de suas vidas, mas também em nome de um futuro aparentemente deles distanciado. (GUSMÃO, 2003, p. 17).

Compreendidos como os improdutivos para o capital e tendo o adulto como modelo, os mais velhos e os mais novos são deslocados do presente: a criança ainda vai ser e o velho já foi. Essas existências, quando colocadas à margem, produzem estereótipos que impactam nas interações com esses sujeitos, negando-lhes o direito à fala, à tomada de decisões.

Assim, na relação entre avós/avôs e netas/os, especialmente quando os primeiros são mais velhos, encontram-se pessoas pertencentes a categorias sociais com pouca visibilidade e autonomia. Escutar suas narrativas, então, significa, com base em Benjamin, focalizar os pequenos: não apenas os "[...] fragmentos supostamente banais do cotidiano", mas aqueles que estão em desvantagens nas relações de poder: "[...] os sujeitos excluídos pelas políticas sociais ou pelos grandes sistemas explicativos" (PEREIRA, 2012, p. 29-30).

As narrativas de avós e netos anunciam que o tempo passa, e, além disso, que nos constituímos no interior de um tempo, lugar e circunstância, como afirma Geertz (2008). Nesse sentido, Dolto (1998) compreende que, mesmo quando as avós/os avôs não são idosas/os, representam, para as crianças, pessoas de outro tempo, pois viveram parte de sua vida em outro momento histórico, com outros valores e modos de viver. A relação entre avós/avôs e netas/os se constitui como encontro de tempos.

Como afirma Mead, "[...] através dos avós, as crianças aprendem a compreender alguma coisa sobre a realidade do mundo não apenas anterior a seu nascimento, mas anterior ao nascimento de seus pais" (MEAD, 1965<sup>3</sup> *apud* LINS DE BARROS, 1987, p. 118-119). As/os

---

<sup>3</sup> A referência, segundo Lins de Barros (1987), é: MEAD, Margaret; HEYMAN, Ken. *Family*. Nova York: A Ridge Press Book, The Macmillan Company, 1965.

avós/avôs, portanto, se constituem como guardiãs de um passado distante, transferido a suas netas e seus netos através da oralidade, costumes e práticas culturais.

Na perspectiva benjaminiana, entretanto, “[...] a criança não é o ponto zero da existência humana nem a velhice seu ponto final” (JOBIM E SOUZA, PEREIRA, 1998, p. 34). Essas duas categorias sociais, históricas e culturais – infância e velhice – não compõem um encadeamento causal inerente a uma linearidade. A criança reconstrói o mundo baseada em seu olhar infantil enquanto o velho se constitui como guardião da tradição e da experiência.

## FLORES NO CAMINHO

*É preciso saber que se tem uma história. [...] Eu estou aqui porque a minha mãe veio antes de mim e trabalhou muito para que eu estivesse aqui hoje. E eu, da mesma forma, quero deixar para as minhas netas, dividir com elas e distribuir para elas tudo aquilo que eu fui conquistando ao longo da vida. No sentido de trocar. Trocar... Sabe aquela coisa de deixar flores no caminho? Quero deixar flores no caminho.  
(Carolina, Entrev., 16/5/2020)*

Carolina deseja narrar para suas netas o porquê de as coisas estarem como estão, para que elas entendam por que a vida é de um jeito e não de outro. Voltar à origem é uma forma de estabelecer uma relação crítica com o presente, de ressignificar seu lugar e o das mulheres de sua família como mulheres negras. Voltar à origem pode ser uma “[...] oportunidade revolucionária na luta pelo passado oprimido” (BENJAMIN, 1987, p. 231). Assim, a tradição dos oprimidos opõe-se à tradição dos opressores e possibilita a descontinuidade do tempo histórico (LÖWY, 2005).

Com base em Benjamin (1987, p. 37), não se trata de apenas conhecer os acontecimentos de um passado remoto, mas de como o ato de lembrar possibilita compreender o presente de modo crítico e pensar o futuro: “[...] um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”.

A memória familiar é apontada, por Carolina, como possibilidade de suas netas vislumbrarem outros futuros possíveis, e não a repetição da vida dura encarada por ela, por sua mãe... No lugar de pedras, flores no caminho, sem que elas – as netas – deixem de reconhecer que não foi sem luta. Sua intencionalidade em narrar o passado remete à ideia de ação possível e não apenas de saber como foi.

A leitura e releitura das narrativas de Carolina apontam que as avós e os avôs carregam a memória familiar, como Lins de Barros (1987) evidencia em suas pesquisas, considerando-as/os imprescindíveis na formação da identidade familiar. Em seus estudos com famílias de classe média, residentes na cidade do Rio de Janeiro, confere às avós e aos avôs o *status* de guardiãs da memória familiar e de toda uma sociedade, como testemunhas de tempo histórico. Nas palavras da autora:

A transmissão de bens simbólicos às gerações seguintes situa a família como o lugar dessa passagem, fazendo de cada descendente o alvo e ao mesmo tempo o veículo da preservação dos valores familiares. Em torno dessa ideia de transmissão de valores está presente a noção de um tempo que se repete, de um tempo cíclico. Para essas pessoas, preocupadas em marcar seu lugar social e sua identidade pela inserção na grande família, o tempo do ciclo dessa grande família é a referência temporal. (LINS DE BARROS, 1987, p. 36).

De acordo com Halbwachs (1990, p. 66), as crianças têm nas avós e nos avôs a chave para entrar em contato com o passado, não apenas como acontecimentos idos, mas modos de ser e pensar de outros momentos. Elas e eles se fazem presentes, quando impressos no que revelaram às netas e aos netos e se destacam na memória, “[...] o relevo e a cor de um personagem que está no centro de todo um quadro, que o resume e condensa”. Além disso, constroem sentidos em processos nos quais um afeta o outro, reciprocamente. Nessa mesma trilha, Pereira e Jobim e Souza (1998, p. 40) discorrem:

O diálogo do adulto com a criança depende, num certo sentido, do diálogo do adulto com seu passado, com sua infância. Mesmo as histórias primeiras, as histórias da nossa infância só existem como relatos trazidos por outrem. Aquilo que ouvimos sobre a nossa infância torna-se nosso passado. Portanto, minha própria história é construída e partilhada por elementos que estão presentes na memória de uma outra pessoa. Nesse sentido não só a memória é uma prática social como a identidade é construída nas relações entre sujeitos. Cada história individual está inevitavelmente enredada em várias histórias, formando a dimensão coletiva de cada existência pessoal.

Entretanto, diferente dos interlocutores de classe média de Lins de Barros (1987), Carolina opera com dimensões distintas de tempo e memória. No lugar de preservação, no ato de rememoração há a possibilidade de criação de novos caminhos.

Não se trata de apenas redimir as gerações precedentes do esquecimento, mas a redenção também diz respeito à geração presente, que não escapará *impunemente* à obstrução do acesso ao próprio passado. A redenção, portanto, não se limita a um resgate do passado, mas se refere também à disposição do presente de receber os sinais do passado, como se presente e passado fossem fragmentos de um todo inteiro. (OTTE, 1996, p. 216).

*Saber que se tem uma história*, assim, coloca as novas gerações diante da possibilidade (e da responsabilidade) não de resgate, mas de redenção do passado e criação de novos futuros.

## NARRATIVAS PARA ADIAR O FIM

Segundo Marina, seus netos Bento e Jonas “[...] estão na fase de querer que a gente conte histórias da vida”: de quando o avô saltava de paraquedas, como estudavam, como era a região onde moram, as histórias e modificações do bairro... (Marina, Entrev., 6/6/2020). O vigor da narrativa, assim, encontra-se no ouvinte: as histórias narradas ganham novos sentidos nas demandas das crianças. A reconstrução da história se dá na prática de recontá-la, peculiar a crianças e velhos. Quando a criança pede para que conte novamente a história, deseja compreender o mundo. O velho, por sua vez, reconta os fatos que lhes são significativos e refaz a história. Ambos sabem que o narrar não se constitui como repetição, mas como o refazer da história e uma forma de revigorar a tradição (JOBIM E SOUZA, PEREIRA, 1998).

Nas conversas com algumas avós, a escrita das histórias familiares em forma de diário apareceu como uma estratégia de rememoração.

Em 1956, meu pai começou esse diário [...]. Eu sabia da existência desse diário, mas eu nunca tinha lido porque nós não tínhamos acesso. Só depois que a minha mãe faleceu, não tem muito tempo, que eu fui folhear esse diário e foi quando eu

li sobre a saudade que ela sentia da gente quando o meu irmão mais velho casou, quando meu outro irmão casou e quando eu casei também... [...] Ela escreveu até 2008, o meu pai faleceu em 2004 e de 2004 para 2008 ela falava muito da saudade que ela sentia do meu pai, mas ela ainda falava dos outros acontecimentos como o nascimento dos meus filhos, os netos dela, os bisnetos, porque ela faleceu com noventa e seis anos. O meu pai, no início da vida dele, já até no diário a gente vê, ele batalhou muito. Por exemplo, para o meu irmão sair do hospital com a minha mãe, ele precisou pedir emprestado um dinheiro para o cunhado dele [...]. Tem muita coisa... Ele teve que vender a geladeira para pagar o aluguel. [...] Agora eu abri o diário para a família, para os filhos... Eu comecei a escrever nele. Até teve um dos meus filhos que também escreveu, e agora é um diário da família. (Clarice, Entrev., 29/5/2020)

Eu tenho uma coisa comigo que eu sempre fui muito de escrever, eu agora escrevo muito menos. Mesmo com aquele turbilhão de vida que eu tinha, com três filhas, trabalhando em escolas, uma escola para dirigir, eu tinha tempo para escrever. Quando elas eram pequenas, eu fazia diário. Hoje eu pego o diário delas e elas morrem de rir, adoram, as minhas filhas. Porque tem histórias super interessantes. Eu anotava tudo, todas as gracinhas, o que elas faziam, elas adoram essas histórias. A minha filha, mãe do Bento, acho que está fazendo isso. [...] O Jonas é moleque, debochado. Eu falo: "Jonas, o que você quer beber?" Ele diz: "Me dá uma cerveja!" Ele tem cinco anos agora. Ele tem umas coisas engraçadas, e a minha filha não anota. [...] De vez em quando a gente pega e elas morrem de rir. Meus genros também gostam de ouvir, de falar. (Marina, Entrev., 6/6/2020)

A prática do registro dos acontecimentos familiares, assim como o contar histórias de outros tempos, remete a Benjamin (1987, p. 223): “[...] o cronista narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”. Para o autor, no entanto, não basta conhecer o passado através dos acontecimentos narrados, mas estar atento aos vestígios, aos índices, que podem ter correspondência com o presente.

Clarice e Marina compartilham relatos dos diários em suas famílias. O primeiro fragmento evidencia histórias desconhecidas e provavelmente ressignificam suas visões. Já o segundo tem a marca de registrar as experiências infantis: o que dizem, como brincam... Nos dois eventos, os diários possibilitam a construção de elos: no primeiro, Clarice deu continuidade junto a seus filhos; no segundo, Marina partilha a leitura com a família. A escrita do diário, nessas narrativas, envolve movimentos de recordar, registrar e partilhar, mobilizam escolhas conscientes e inconscientes, que constituem a identidade familiar e de cada um de seus membros.

O exercício da recordação, imperfeito por excelência, serve à perfeição para construir, com todas as correções, a biografia de nossos sonhos ou pesadelos. Sobre os lapsos, lançamos pontes; sobre os recalques, compomos imagens, e vamos montando, à luz do desejo e do imaginário, a narração com que queremos nos ver identificados. Por isso, memória e identidade andam juntas e nem sempre nos damos conta, com argúcia, do paradoxo e das meias-verdades que se engendram nessa relação. (YUNES, 2012, p. 37).

Marina conta que a prática de registrar os acontecimentos, especialmente as interações com as gerações mais novas, é *herança de família*.

O meu pai era muito moderno; ele morreu em 2011 com noventa e seis anos. Em 1990, eu fiz uma obra na minha casa e fiquei aqui alguns meses [na casa que era dos meus pais, onde moro atualmente], e o meu marido trouxe o computador e o meu pai começou a mexer no computador. Ele se encantou com o computador e escreveu um livro: *Diálogos com os meus filhos e netos*. Depois ele escreveu outro livro: *Diálogos com os meus bisnetos - o que deixar para os meus bisnetos*. A gente editou os dois livros; eles têm, as minhas filhas já leram, vão passar para eles. É a história da família. Então você vê que somos uma família ligada a histórias. (Clarice, Entrev., 29/5/2020)

A prática de registro escrito é passada de geração em geração e tem como intuito guardar lembranças e deixá-las para os mais novos. Lygia vê na fotografia essa mesma possibilidade: construir memória, guardá-la – “[...] para que não se perca” - e dar aos netos:

Eu fiz para o Pablo, um livro antes dele nascer que era *À espera*. Eu peguei fotos da mãe dele, fotos minhas de quando eu tinha um ano, de quando eu era bebê [...]. Eu fiz um álbum até a chegada dele. Depois comprei um outro álbum e fiz *Tempo de avó*. Tempo de avó são fotos dos momentos que eu tive... eu estou montando esse álbum. Eu comecei com o [neto mais velho], em todos os tempos que eu tive com ele [...]. Tempo de avó é o tempo que eu tenho com eles. Estou montando um outro livro com as fotografias impressas, porque agora quase não imprimimos mais, mas eu ainda sou favorável à impressão porque eu acho que isso é pura memória e um dia pode se perder, mas se as fotos forem feitas em papel de qualidade duram mais de cem anos. Eu estou fazendo outro que se chama *Décadas* que são fotos minhas, desde bebê até agora. Estou deixando tudo arrumadinho para dar para eles. (Lygia, Entrev., 27/5/2020)

Para Cartier-Bresson (*apud* FELIZARDO, SAMAIN, 2007, p. 207), “[...] as coisas das quais nos ocupamos, na fotografia, estão em constante desaparecimento, e, uma vez desaparecidas, não dispomos de qualquer recurso capaz de fazê-las retornar”. Não podemos revelar e copiar uma lembrança. Nesse mesmo sentido, Sontag (2004, p. 26) diz: “[...] tirar uma foto é participar da mortalidade, da vulnerabilidade e da mutabilidade de outra pessoa (ou coisa). Justamente por cortar uma fatia desse momento e congelá-la, toda foto testemunha a dissolução implacável do tempo”. Benjamin (1987, p. 107) compreende a fotografia como um “[...] médium-de-reflexão: a câmara se torna cada vez menor, cada vez mais apta a fixar imagens efêmeras e secretas, cujo efeito de choque paralisa o mecanismo associativo do espectador”.

Há uma multiplicidade de tempos operando no ato de fotografar e colecionar as imagens capturadas. A fotografia atesta a nossa finitude, a passagem do tempo. Ao mesmo tempo, possibilita a nossa permanência no mundo, de modo renovado: a cada novo olhar, um passado, congelado em imagens, se abre a infinitas leituras no presente. “Bem sabemos que o antigo álbum de família parece mudar constantemente e ganhar novos sentidos com o passar dos anos” (SOCHA, 2015, p. 99).

Seja com fotografia, escrita ou oralidade, a intenção de narrar a história familiar – o(s) tempo(s) de avós/avôs e netas/os, opera na lógica do não desaparecimento das lembranças, do

afeto das relações, de si no mundo. Seria como Xerazade, nas *Mil e uma noites*<sup>4</sup>, uma tentativa de adiar a morte? Com a personagem dos contos orientais, Kramer (2007, p. 194) pensa a narrativa como possibilidade de “[...] perseguir a vida, fazendo e desfazendo histórias, desempenhando os mesmos e outros papéis, perseverando na busca de diferentes enredos, atores ou personagens, tentando lapidar o acontecido, recompondo e produzindo aqui e ali novos sentidos...”

Em sentido próximo, o intelectual indígena Ailton Krenak (2020, p. 26-27) reflete sobre a narrativa ao tecer suas *Ideias para adiar o fim do mundo*:

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim.

Teriam as narrativas do(s) tempo(s) de avós e netos a potência de reanimar o prazer de estar vivo, o desejo de brincar, a delicadeza dos afetos, a capacidade de presença, a abertura ao outro, a disposição de estar junto, a própria necessidade de narrar? Essas indagações provocam a necessidade de chegar mais perto, de aproximar o olhar, e conhecer mais das minúsculas histórias que avós/avôs e netas/os contam do tempo que passam juntos.

## CONTAR ESTRELAS

O que fazem avós/avôs e netas/os no tempo que estão juntos? Do que se ocupam? O que partilham? O que aprendem uns com os outros?

Eu ensinei uma coisa ao meu avô um dia: contar as estrelas! Eu não fiz isso com o meu avô ainda; às vezes eu faço isso para a minha mãe não perceber que eu estou dormindo. Quando ela estiver dormindo, eu vou sair de fininho e vou contar as estrelas lá no meu quarto assim: 1, 2, 3... Eu vou tentar fazer isso com o meu avô, sem a minha avó acordar. Só que a cama dela é grande, como eu vou pular sem fazer barulho? (Diego, Entrev. Coletiva, 5/12/2020)

Diego fala, com entusiasmo, em contar estrelas com seu avô João. Em sua narrativa, mescla tempos verbais conjugados pelo desejo. A avó Clarice narra que gosta de olhar a lua com sua neta bebê: “Eu cantava aquela música para ela: ‘Lua, oh, Lua, querem te passar para trás’. Ela, ainda bebezinha. Ficávamos aqui fora, eu cantava a música, mostrava a lua para ela”. Ela conta que a neta, mesmo distante por causa da pandemia, sempre que olha a lua, canta: “Lua, lua...” A experiência lembrada, tanto pelos adultos quanto pelas crianças, ainda que bem pequenas, remete a uma concepção de tempo que se refere à intensidade do momento vivido.

---

<sup>4</sup> Xerazade (ou Sherazade) escapa da morte (ou a adia, dependendo da versão) ao narrar contos, noite após noite, para o rei com quem se casou. Há muitas edições desse clássico que reúne contos originários do Oriente Médio. A versão consultada foi a tradução direta do árabe: *Livro das mil e uma noites* (2006).

Em outro relato de Diego e nos de seu avô João, fica evidente o tempo da contemplação, da entrega, do brincar: um tempo despreocupado com relógio, compromissos ou afazeres.

Diego: Meu avô me leva para a praia, e a minha avó me leva para o parquinho.

Pesquisadora: E o que você faz com o seu avô na praia?

Diego: A gente tenta fazer algumas bases subterrâneas e como tem umas minipiscininhas lá na praia, eu fico me esfregando debaixo d'água. Mas da próxima vez eu vou com meus óculos de natação. (Entrev. Coletiva, 5/12/2020)

Eu acho uma coisa interessante, para mim, porque eu estou integral no que ele está fazendo. Ele manda, ele vai para onde quiser, ele me conduz. Eu só tenho um cuidado com a segurança dele. (João [avô do Diego], Entrev., 4/6/2020)

Eu às vezes levava ele em um parque que tem em Niterói, que possui árvores [...]. Lá tem crianças da idade dele, tem às vezes brinquedos, e eu o deixava andando. Ali tem exposição de artes, desenho, e eu o levava para ele ver. Passava nos desenhos, e ele ficava olhando. Também tinha um ensaio, em um determinado dia, uma hora, de um coral, e ficávamos eu e ele ali. O pessoal achava muito engraçado, nós dois, ele no meu colo, olhando a música... (João [referindo-se ao neto mais novo quando bebê], Entrev., 4/6/2020)

As narrativas de João e de Diego falam de um tempo que rompe com uma lógica adultocêntrica, configurando uma relação com abertura a esse outro criança, e não uma relação de colonização do adulto sobre a criança. No que diz respeito ao adultocentrismo, Santiago e Faria (2015, p. 73) afirmam que este é “[...] um dos preconceitos mais naturalizados pela sociedade contemporânea”, que ignora as singularidades da infância e a considera apenas um período transitório para a vida adulta. João, ao inverter as posições e os papéis tradicionais de adulto e criança, tem a oportunidade de experimentar coisas, lugares, objetos, sensações e o próprio tempo de um modo que não é permitido à vida adulta.

Trata-se de um tempo qualitativo e não um tempo aligeirado, que João parece ter experimentado na sua própria infância com sua avó e seu avô.

Era um lugar que o tempo era mais devagar – vamos colocar isso aí entre aspas. Você estava ali e tinha a natureza, tinham as coisas, mas você estava mais presente. Isso é uma coisa que às vezes falta para a gente: estar mais presente com o outro. E isso dava oportunidade de, não só para as crianças, mas para os adultos também, de conversas muito interessantes a respeito de uma série de assuntos, com calma. (João, Entrev., 4/6/2020)

Para Buber (2001, p. 57-58), presença contrapõe a ideia de tempo como algo pontual, estático:

O presente, não no sentido de instante pontual que não designa senão o término, constituído em pensamento, no tempo *expirado* ou a aparência de uma parada nesta evolução, mas o instante atual e plenamente presente, dá-se somente quando existe presença, encontro, relação. Somente na medida em que o Tu se torna presente a presença se instaura.

Para estar em recíproca presença, é preciso estar envolvido e comprometido com o instante atual que, para Buber (2001, p. 58), significa o instante em que há atuação. Não se trata de tempo cronológico, que demarca os acontecimentos, e sim de um que ocorre em cada instante, que

substancia o tempo, acontece: “[...] presença não é algo fugaz e passageiro, mas o que aguarda e permanece diante de nós”.

Em que medida João traz referências do seu tempo de criança – com mais presença – na relação com seus netos? Esse encontro intergeracional entre avós/avôs e netas/netos parece ser potente para reanimar a infância de adultos, que, na relação com as crianças, recuperam “[...] fazeres, sensações, ritmos, linguagens já esquecidas, mas que não perderam de todo o seu poder de germinação” (BINES, 2015, p. 231). Com Benjamin (1987, p. 232), entende-se infância, não como “[...] um estado puro e apartado do mundo adulto, mas uma configuração coletiva e abrangente, que pode tocar também as gerações mais velhas”. Nesse sentido, ela não se restringe às crianças: “[...] sem demarcações de idade, de traços fisiológicos ou comportamentais, a infância não coincide inteiramente com a criança, manifestando-se antes como uma dimensão humana que pode nos atravessar a qualquer momento” (BENJAMIN, 1987, p. 232).

Cecília fala sobre essa força infantil, que a afeta na relação com seu neto:

Tem essa coisa da inocência, da fragilidade e ao mesmo tempo, uma força, uma energia que acende a casa, que "Vovó, vovó, vem cá, vovó, vem ver, vovó!" E brincou hoje com os bichinhos, e quando eu cheguei do trabalho ele me chamou para ver os bichinhos... (Cecília, Entrev., 19/5/2020)

A convocação do neto de Cecília para ver os bichinhos, algo que provavelmente não seria ocupação e interesse de adulto, inverte posições, como nas narrativas de João e Diego. Inverte, também, valores em relação àquilo que é considerado interessante: bichinhos, estrelas, lua... O tempo da infância se instaura na relação entre avós/avôs e netas/os, de acordo com essas narrativas, como um tempo de intensidade, tempo-duração, que tensiona valores da lógica capitalista de aceleração, produtividade, utilidade, acúmulo, posse, consumo... Pelos olhos das crianças, as avós e os avôs são convocadas/os a inverter o sentido de importância das coisas, abrindo-se para experimentar outra temporalidade, outras possibilidades de vida.

## REFLEXÕES FINAIS

Pensar sobre a relação entre avós/avôs e netas/os possibilitou pensar também sobre o tempo. Sobre encontro de tempos. Tempos de vida. Tempos históricos. Tempos das infâncias. Sobre o que permanece em nós com o passar do tempo. Sobre para onde os encontros nos deslocam no tempo. Tempo de conversa. Tempo do pensar. Tempo da narrativa. Nas narrativas, os tempos se misturam. O presente acorda o passado, que ganha importância para que se pense o futuro. Como no texto de Bartolomeu, epígrafe deste artigo, a curiosidade do menino, sua ânsia em conhecer um mundo já conhecido pelo adulto, desperta o velho homem de sua desatenção para os dias. A infância do menino acorda a infância que o homem carregava consigo.

*Tempo*, nas narrativas das/os participantes da pesquisa, aparece para além da sua dimensão cronológica, embora esta não seja desconsiderada. Em práticas cotidianas compartilhadas, os tempos de avós/avôs e netas/os se encontram, possibilitando experiências e aprendizados diversos. Nas histórias familiares registradas em diários, nos álbuns de fotografia e nas conversas corriqueiras, passado, presente e futuro se fundem, emergindo novas possibilidades de compreensão e invenção de si e do mundo.

Na contramão da ideia de que tempo é dinheiro, parece que para as avós e os avôs participantes da pesquisa se ganha tempo ao brincar com as netas e os netos. Ganha-se em tempo de vida vivida em presença, com mais qualidade e menos pressa. Ganha-se ainda ao revisitar

interesses infantis esquecidos e frequentemente considerados desimportantes na vida adulta. As crianças ganham tendo uma pessoa inteira em sua companhia, seja para contar estrelas, cantar junto ou ouvir o coral na praça.

Infância e tempo são, assim, percebidos neste estudo como noções indissociáveis. A opção de partir da relação entre avós e netos vai na contramão do que, historicamente, tem se realizado nas pesquisas no campo da educação, de pensar esses sujeitos – adultos e crianças – separadamente. Com a modernidade, quando surge historicamente a ideia de infância, esta é produzida a partir de uma compreensão de tempo: um tempo rígido, que normatiza as experiências infantis, que determina o desenvolvimento num dado momento da vida. É a compreensão de um tempo linear que ratifica um estatuto de minoridade à criança e uma concepção de infância “[...] como estado transitório, inacabado e imperfeito” (JOBIM E SOUZA, 1997, p. 44). O tempo é, assim, elemento que tem alimentado as experiências das crianças (e dos adultos, especialmente os mais velhos), justificando o que é considerado saudável, adequado, normal.

As narrativas de avós e netos levam a pensar que é este senhor, o *Tempo*, quem permite entrecruzar vozes que poderiam não se encontrar. As vozes das avós, dos avós, das crianças, da pesquisadora. A pesquisa, nesse sentido, emerge como cúmplice deste grande senhor chamado *Tempo*. Nela, as vozes de ontem, de hoje e, também, do futuro inauguram e se fixam nessa temporalidade que só é possível no entretecer da pesquisa. Junto a essas vozes, é possível questionar: o que, como comunidade humana, partilhamos de sentidos deste tempo que habitamos juntos?

## REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: magia e técnica; arte e política*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BINES, Rosana Kohl. Assombrações da infância com Boltanski e Benjamin. *ALEA – Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, jul./dez. 2015. p. 227-245. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1517-106X/172-227>. Acesso em 25 jul. 2022.
- BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. Tradução Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BUBER, Martin. *Eu e tu*. Tradução do alemão, introdução e notas de Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.
- DOLTO, Françoise. Os avós. In: DOLTO, Françoise. *Os caminhos da educação*. Textos recolhidos, anotados e apresentados por Claude Halmos. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 171-184.
- FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. *Discursos Fotográficos*, Londrina, v. 3, n. 3, 2007. p. 205-220. Disponível em <http://dx.doi.org/10.5433/1984-7939.2007v3n3p205>. Acesso em 25 jul. 2022.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 13. reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 13-41.
- GUSMÃO, Neusa Mendes de. Infância e velhice: desafios de multiculturalidade. In: GUSMÃO, Neusa Mendes de (org.). *Infância e velhice: pesquisa de ideias*. Campinas, São Paulo: Alínea, 2003. p. 15-32.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

- INGOLD, Tim. *Antropologia: para que serve?* Tradução de Beatriz Silveira Castro Figueiras. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- JOBIM E SOUZA, Solange. Ressignificando a psicologia do desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel F. Pereira (org.). *Infância: fios e desafios da pesquisa*. 2. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1997. p. 39-56.
- JOBIM E SOUZA, Solange; PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Infância, conhecimento e contemporaneidade. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (org.). *Infância e produção cultural*. 7. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998. p. 25-42.
- KRAMER, Sonia. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LINS DE BARROS, Myriam. *Autoridade & afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- LIVRO das mil e uma noites: ramo sírio. *Introdução, notas, apêndices e tradução do árabe de Mamede Mustafa Jarouche*. 3. ed. São Paulo: Globo, 2006. 2 v.
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses sobre o conceito de história*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MAGRO, Viviane M. Mendonça de. Espelho em negativo: a idade do outro e a idade etária. In: GUSMÃO, Neusa Mendes de (org.). *Infância e velhice: pesquisa de ideias*. Campinas, São Paulo: Alínea, 2003. p. 33-46.
- OTTE, Georg. Lembrança e citação em Walter Benjamin. *Revista de Estudos de Literatura*, Belo Horizonte, v. 4, out. 1996. p. 211-223. Disponível em <http://dx.doi.org/10.17851/2317-2096.4.0.211-223>. Acesso em 25 jul. 2022.
- PEREIRA, Rita Ribes. Um pequeno mundo próprio inserido num mundo maior. In: PEREIRA, Rita Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (org.). *Infância em pesquisa*. Rio de Janeiro: Nau, 2012. p. 25-54.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Tempo de voo*. 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2016.
- SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Para além do adultocentrismo: uma outra formação docente descolonizadora é preciso. *Educação e Fronteiras On-Line*, Dourados, Mato Grosso do Sul, v. 5, n. 13, jan./abr. 2015. p. 72-85. Disponível em <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/5184/2742>. Acesso em 25 jul. 2022.
- SOCHA, Alexandre. Os véus e os esconderijos do tempo. *Ide*, São Paulo, v. 37, n. 59, fev. 2015. p. 99-102. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v37n59/v37n59a10.pdf>. Acesso em 25 jul. 2022.
- SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- YUNES, Eliana. Memórias de menino: poesia e melancolia. *Palavra: SESC literatura em revista*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 3, jul. 2012. p. 36-39. Disponível em [https://www.sesc.com.br/portal/publicacoes/cultura/revistas/revista+palavra/revista\\_palavra\\_2012/revista\\_palavra\\_2012](https://www.sesc.com.br/portal/publicacoes/cultura/revistas/revista+palavra/revista_palavra_2012/revista_palavra_2012). Acesso em 25 jul. 2022.

Submetido em agosto de 2022  
Aprovado em novembro de 2022

### Informações da autora

Liana Garcia Castro

PUC-Rio

*E-mail:* [lianagarciaastro@gmail.com](mailto:lianagarciaastro@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0386-1079>

*Link Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/1090951132697869>